

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Curso de Especialização em Residência Docente para Formação de
Educadores da Educação Básica

Mariana Soares Ferraz Malta

A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DE ENSINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA

Belo Horizonte
2020

Mariana Soares Ferraz Malta

**A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DE ENSINO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica.

Orientador: Luiz Gustavo Nicácio

Coorientadora: Amanda Fonseca Soares Freitas

Belo Horizonte
2020

CIP – Catalogação na publicação

M261c Malta, Mariana Soares Ferraz
A capoeira como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física /
Mariana Soares Ferraz Malta. - Belo Horizonte, 2020.
32 f. il. color.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo
Horizonte, 2020.

Orientador: Luiz Gustavo Nicácio

Coorientadora: Amanda Fonseca Soares Freitas

Inclui bibliografia.

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Capoeira – Estudo e
ensino. 3. Formação docente. I. Título. II. Nicácio, Luiz Gustavo. III.
Freitas, Amanda Fonseca Soares. IV. Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 372.86

CDU: 372.879.6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CENTRO PEDAGÓGICO
SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
"RESIDÊNCIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA"

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Cursista: MARIANA SOARES FERRAZ MALTA

Matrícula: 2018741378

Título do Trabalho: A Capoeira como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Professor(a) orientador(a): Luiz Gustavo Nicácio

Professor(a) co-orientador(a): Amanda Fonseca Soares Freitas

Professor(as) examinador(as):

Bruno Silva Nigri

Tania Margarida Lima Costa

Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci

Aos 28 dias do mês de agosto de 2020, reuniram-se através de Teleconferência pelo aplicativo Zomm, os (as) professores(as) orientadores(as) e examinadores, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista **MARIANA SOARES FERRAZ MALTA**.

Após a apresentação, o (a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer anexo.

PARECER: APROVADA

NOTA: 80

CONSIDERAÇÕES:

Este documento foi gerado pela Secretaria do Curso de Especialização "Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica" baseado em informações enviadas pela banca examinadora para a secretaria do curso. E terá validade se assinado pelos membros da secretaria do curso.



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Moreira Marques, Secretário(a)**, em 02/10/2020, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tania Margarida Lima Costa, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 24/03/2021, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0295141** e o código CRC **7C9EE51A**.

AGRADECIMENTOS

Foram 2 anos de formação no Centro Pedagógico. Uma instituição que já tinha o meu respeito e admiração pelo trabalho fantástico que lá realizava. Acompanhar as aulas do Luiz e da Amanda foi extremamente enriquecedor para mim como profissional.

Agradeço também a Bruno Nigri e Túlio pelas conversas na sala dos professores.

Agradeço aos estudantes da escola Municipal Antônio Sales Barbosa e Honorina Giannetti, que me ajudaram a desenvolver o projeto de ação.

Agraço a Deus por me dar força e paciência para chegar ao final. O percurso não foi fácil. Em muitos momentos pensei em desistir. Trabalhar em duas escolas e ainda estudar é um desafio que perpassa pelos profissionais da educação.

Agradeço imensamente aos dois pela compreensão em tantos momentos da minha realidade.

Agradeço também ao CP no nome das coordenadoras Tânia e Cláudia.

Sou grata a vocês por tudo!

RESUMO

Vivenciar novas experiências de trabalho, aprender outras possibilidades de se ensinar Educação Física bem como conhecer a estrutura e a organização do ensino numa escola de tempo integral foram os objetivos que me levaram a fazer esta Especialização em Residência Docente para a formação de educadores do ensino básico do Centro Pedagógico (CP) da EBAP/UFMG. Este trabalho é a conclusão desse tempo de estudos e de trocas de experiências com os professores e discentes do CP. É composto por duas partes: primeiramente, o memorial, contando como a minha trajetória de vida influenciou diretamente nas minhas escolhas profissionais como professora de Educação Física da rede municipal de Belo Horizonte e de Rio Acima/MG e, em sequência, o projeto de ação desenvolvido na Escola Municipal Antônio Sales Barbosa, em Belo Horizonte, onde trabalhei o tema “Capoeira na escola”. Este projeto buscou identificar como os estudantes, os professores e os funcionários da escola Antônio Sales Barbosa compreendiam a história do Brasil, considerando a influência da cultura africana na constituição de nossa identidade. A partir dessa ação, seria promovido o conhecimento desse público (estudantes, professores e funcionários da escola) sobre as diferentes manifestações culturais de origem afro-brasileira e sobre a história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil, dando destaque para a capoeira.

Palavras-chave: Formação. Educação Física. Capoeira.

ABSTRACT

Experiencing new work experiences, learning other possibilities of teaching Physical Education as well as knowing how teaching is organized and structured in a space-time of a full-time school were the goals that led me to do this Specialization in Teaching Residence for the training of basic education educators at the Pedagogical Center of EBAP/UFMG. This work is the conclusion of that time of studies and exchange of experiences with teachers and students of Pedagogical Center. It consists of two parts: in first place, the memorial, telling how my life trajectory directly influenced my professional choices, as a physical education teacher in the municipal schools of Belo Horizonte and Rio Acima/MG and, finally, the action project developed in the municipal school Antônio Sales Barbosa, in Belo Horizonte, where I worked on the theme "Capoeira at school". This project sought to identify how the students, teachers and staff at the Antônio Sales Barbosa school understood the history of Brazil, considering the influence of African culture in the constitution of our identity. Based on this action, the knowledge of this public (students, teachers and school staff) about the different cultural manifestations of Afro-Brazilian origin and about the history of resistance and struggle of enslaved blacks in Brazil would be promoted, highlighting capoeira

Key words: Training. Physical Education. Capoeira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Aula de maculelê no Centro Pedagógico	16
Fotografia 2 – Pesquisas realizadas na biblioteca da escola	20
Fotografia 3 – Pesquisas realizadas na biblioteca da escola	21
Fotografia 4 – As estudantes se preparam para ensinar os golpes aos colegas	21
Fotografia 5 – Momento em que os estudantes tornaram-se os professores	21
Fotografia 6 – Os alunos iniciaram a aula explicando a dinâmica e a terminaram com a roda de capoeira	22
Fotografia 7 – Apresentação Maculelê na Mostra Cultural/EMASB	22
Fotografia 8 – Apresentação Maculelê na Mostra Cultural/EMASB	22

LISTA DE SIGLAS

CCM – Cultura corporal de movimento

CP – Centro Pedagógico

EBAP – Escola de Educação Básica e Profissional

EMASB – Escola Municipal Antônio Salles Barbosa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MG – Minas Gerais

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	7
2	MEMORIAL	9
3	PROJETO DE AÇÃO	14
3.1	Introdução	14
3.2	Desenvolvimento	17
3.3	Considerações Finais	23
	REFERÊNCIAS	24
	ANEXOS	25

1 APRESENTAÇÃO

Vivenciar novas experiências de trabalho, aprender outras possibilidades de se ensinar Educação Física, bem como conhecer como se organiza e se estrutura o ensino em um espaço-tempo de uma escola de tempo integral. Esses foram os objetivos que me levaram a fazer a Especialização em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica do Centro Pedagógico (CP) da Escola de Educação Básica e Profissional (EBAP) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Este trabalho é a conclusão desse tempo de estudos e de trocas de experiências com os professores Amanda e Luiz e os estudantes do CP, que muito me ensinaram. Os ensinamentos obtidos nesse processo foram compartilhados com os estudantes das escolas municipais Antônio Sales Barbosa, em Belo Horizonte, e Honorina Giannetti, em Rio Acima/MG, municípios em que leciono. Compartilhei, também, situações práticas do cotidiano na escola, relatando aos docentes as dificuldades que enfrentava com a reforma da quadra na instituição de Rio Acima, o que vinha dificultando o desenvolvimento das aulas.

Entretanto, apesar das condições desfavoráveis, a Educação Física precisava ser ensinada, o que me levou a repensar o meu fazer pedagógico e o meu compromisso com a educação, a função social da escola e a importância que a Educação Física tem como uma disciplina que valoriza as práticas corporais, dando sentido e significado a elas, constituindo a “cultura corporal de movimento” (CCM) dos estudantes (BRACHT, 1996, p. 25).

Compreender a Educação Física como CCM nos permite entender os sentidos e as possibilidades das práticas corporais, do lazer, do lúdico, da interação, da saúde e da qualidade de vida em nossa sociedade, ampliando, assim, as possibilidades de leitura e apropriação do mundo. Neste sentido, para efeito didático, podemos dividi-la em três dimensões do saber: o *saber-fazer* as práticas corporais: experimentar, praticar, organizar, relacionar-se; o *saber-sobre* as práticas corporais: conhecer, compreender, refletir e o *saber-apreciar* as práticas corporais: assistir, torcer, curtir (FREITAS, 2016, p. 27)

Após essa reflexão, a relação Educação Física-quadra (saber-fazer) se amplia para outros espaços de aprendizagens. Isso inclui ensinar a CCM de diversas formas,

pensando nas outras duas dimensões do saber. Ou seja, poderiam ser utilizados jogos e aplicativos, vídeos, documentários, filmes, revistas, livros, sites, registros em imagens, textos, desenhos, conversas com os estudantes sobre aquele conteúdo específico. Seria possível, então, ampliar e diversificar o ensino da educação física nas escolas.

Ensinar Educação Física era um sonho de adolescência. A primeira seção deste trabalho, o memorial, conta parte da minha trajetória, o motivo das minhas escolhas profissionais e meu percurso de vida até aqui. Na segunda parte, discorro sobre o projeto de ação desenvolvido na escola municipal Antônio Sales Barbosa, em Belo Horizonte, onde trabalhei o tema “Capoeira na escola”.

2 MEMORIAL

“Gente não nasce pronta e vai se gastando; gente nasce não pronta e vai se fazendo”.

Mário Sergio Cortella

A minha trajetória acadêmica e profissional começa em casa, com os meus pais. Pode parecer uma contradição, mas é no ceio familiar que começo a “me fazer” professora. Começo este relato com as lembranças da minha mãe me contando histórias e sendo a minha primeira educadora. Afeto, carinho, atenção e cuidado são palavras e sentimentos que estão presentes na minha memória e que me constituem professora. Meu pai, um “Professor Pardal” de primeira, gostava de inventar e ensinar seus inventos. Sabia ensinar história e geografia como ninguém. Contava histórias. Transformava meu processo de aprendizagem em um lindo e gostoso tempo do saber. Lembro-me do meu pai me contando as histórias das revoluções Francesa e Industrial, fazendo uma relação direta com minha vida e com o que estávamos vivendo, e, como num passe de mágicas, eu começava a entender o que aqueles textos queriam me dizer. Minhas tias eram professoras também de formação. Mas, em minha família, mesmo quem não tinha uma formação acadêmica gostava de ensinar.

E, nesse contexto, tive a oportunidade de estudar em uma escola que me ensinou a importância das relações. Logo quando cheguei a Belo Horizonte, com 8 anos (nasci no Rio de Janeiro), minha mãe procurou uma escola próxima ao apartamento onde iríamos morar. Era uma escola pequena, mas que fez toda diferença em minha vida.

Logo no primeiro ano, conheci a Nathália, aquela que viria a ser minha melhor amiga, meu braço direito, e que até hoje, após 30 anos, tem por mim a mesma sincera, afetuosa e abençoada amizade. Éramos companheiras para tudo. Absolutamente tudo. Passamos por todos os desafios de uma adolescência e suas mudanças, experiências, dúvidas; momentos de vida que foram, certamente, marcantes para nós duas. Houve períodos também difíceis, como a doença e a morte do meu pai; momentos alegres, como as minhas formaturas (sim, fiz duas graduações, Turismo e Educação Física) e a formatura da Nathália em Jornalismo.

Mas, voltando à escola, lá éramos muito felizes. Fui crescendo e me desenvolvendo como pessoa, entendendo a importância das relações, pois muito

mais do que uma escola que se preocupava em ensinar conteúdos, aquela escola focava na relação entre os professores e os estudantes. Os professores me olhavam nos olhos, sabiam o meu nome e me entendiam como um ser único, o que me ajudava a desenvolver minhas habilidades e competências. E, nesse ponto, tive um grande privilégio de ter professores que amavam sua profissão e ensinavam com muito cuidado e atenção.

A prática esportiva entrou em minha vida muito cedo, aos 6 meses de idade, quando comecei a praticar natação por um problema de saúde. Um dos meus pulmões estava menor que o outro, e o médico recomendou a natação como um remédio. E foi. Cresci na piscina até os 17 anos e fiz dela o meu porto seguro. Nadava muito e amava este esporte.

A dança também entrou cedo na minha vida. Na verdade, não consigo saber o momento exato, mas tenho a impressão de que eu já nasci dançando. A música sempre fez parte da minha casa, com o meu pai, que era baterista, e minha mãe, cantora no coral da igreja. Então, a arte e a expressão corporal começaram a me constituir desde sempre.

Dançar era a minha vida. Lembro-me de chegar da escola e ligar o rádio, preparar a fita cassete (nossa, que saudade!), esperar uma hora de música de axé para ensaiar as coreografias. E, se o locutor falasse no meio da música, tinha vontade de matá-lo!

Nesse caminhar, a escolha por uma profissão já estava certa: queria ser professora de Educação Física. Entretanto, como nossa vida é cheia de curvas, o Turismo apareceu na frente como 'válvula de escape' do cursinho pré-vestibular.

Saí de uma escola pequena, onde todos me conheciam, para uma sala de quase 200 alunos, num universo em que eu não me reconhecia. Queria sair dali rapidamente e passar no vestibular, independentemente do curso. O que importava era a minha saída.

No ano em que eu passei no vestibular para Turismo, também tentei Educação Física na UFMG, porém sem sucesso. Não aguentaria ficar no cursinho nem mais um dia. Tomei a decisão de começar o curso e depois ver se iria gostar ou não.

Fui me apaixonando pelo curso e pelas pessoas, e as relações de que eu tanto sentia falta no cursinho voltaram a acontecer. Eu era de novo a Mariana que todos conheciam e passei a me reconhecer nos amigos que fui fazendo. Encontrei pessoas

que me ajudaram a ser quem eu sou hoje, me ensinaram muito com suas histórias de vida, suas lutas e experiências.

Mas a Educação Física era realmente a minha paixão, e não pensei duas vezes, ao finalizar o curso de Turismo, em prestar vestibular de novo.

Fiz, passei e comecei o curso de Educação Física na certeza de que tinha feito a escolha certa. E, mais uma vez, deparei-me com professores que foram essenciais para a minha formação profissional e acadêmica.

Entretanto, é no caminho que se faz a caminhada, e os desafios só estavam começando. Ensinar não seria uma tarefa tão fácil como eu pensava. Logo que concluí a graduação, havia um concurso da Prefeitura de Rio Acima com o edital em aberto. Resolvi prestá-lo e, para a minha grata surpresa, passei em primeiro lugar. Em fevereiro de 2008, estava dando início a uma carreira que não tinha ideia de como seria. A relação com os alunos adolescentes me tirava da zona de conforto, e eles, literalmente, me faziam muitas vezes chorar, justamente por não saber o que fazer.

Mas, foi nesse caos de sentimentos que, aos poucos, fui conduzindo minha prática pedagógica e me constituindo professora de educação física do ensino fundamental II nas cidades de Rio Acima e Belo Horizonte até hoje.

E, nesse percurso de quase 12 anos, a formação acadêmica continuou. Encontrei nos estudos do lazer uma relação com os estudos da educação física e da educação em geral. Fiz a especialização em Lazer e, alguns anos depois, fiz o mestrado também na Pós-graduação dos Estudos do Lazer, no departamento de Educação Física, da UFMG.

Mas os desafios continuaram e hoje, olhando para a Mariana que começou a lecionar há 10 anos, vejo o quanto cresci e amadureci meu processo de ensino, minha relação com os estudantes e como a educação física mudou muito. Nesse processo, a formação em residência docente veio para somar em minha formação pedagógica.

Sempre admirei o Centro Pedagógico pelo olhar crítico e responsável com que trata todos os conhecimentos e pelo modo como vê o ensino da educação física escolar, de forma diferenciada de todas as escolas pelas quais passei e nas quais trabalho. Nota-se, nessa instituição de ensino, um fazer diferenciado, por ser uma escola de tempo integral e entender que a educação e a formação de uma pessoa requerem tempo e um processo de maturação e refinamento se faz preciso nesse contexto.

Em 2017, já havia tido o primeiro contato com a coordenadora da educação física, a Amanda, na seleção para um novo professor para o CP. Na ocasião, não consegui me classificar, mas ainda havia esperança de um dia conhecer a dinâmica daquela escola, que, para mim, era uma referência em ensino.

No ano seguinte, em 2018, a possibilidade de fazer o curso de Especialização em Residência Docente para Formação de Educadores da Educação Básica com ênfase em Educação Física surgiu como uma grande oportunidade de troca de experiência e enriquecimento da minha formação docente e do meu currículo também.

No início, acompanhei a Amanda em suas aulas e foi muito rico perceber como cada aula era cuidadosamente planejada e pensada dentro de uma formatação, levando em consideração a individualidade dos estudantes. A relação da Amanda com os alunos e as alunas era uma interação de quem já os conhecia há muitos anos e sabia como poderia avançar e desafiá-los a ir mais longe.

Nossas conversas sobre planejamento de aulas, currículo, atividades desenvolvidas foram muito construtivas, pois refleti sobre a minha prática e mudei algumas estruturas e formas de fazer, aumentando a qualidade das minhas aulas. A partir das observações de uma das aulas que a professora Amanda desenvolvia sobre o maculelê¹, surgiu o interesse em pesquisar mais sobre o ensino da capoeira na escola e sobre como as escolas estavam incluindo (ou não) o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira e Africana e dos indígenas nos currículos oficiais, propostas pelas Leis Federais 10.639/03² e 11.645/08³. Nesse contexto, quais seriam as maiores dificuldades para que os professores a ensinassem? Essas indagações foram as perguntas iniciais para que o projeto de ação começasse a ser pensado.

As trocas de experiências e as conversas com o professor Luiz também foram de muito aprendizado. Todo o processo vivido no Centro Pedagógico foi muito rico e desafiador, perante um contexto educacional no qual me insiro, na rede municipal de educação de Belo Horizonte, que pensa e estrutura as aulas de educação física com a carga horária de duas aulas por semana, o que torna o ensino limitado em sua prática.

¹ O maculelê é uma dança com bastões e está inserida no universo dos elementos da capoeira.

² Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

³ Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

Entretanto, mesmo com tempo menor do que gostaria, o projeto de ação foi desenvolvido com qualidade e cumpriu a função pedagógica à qual foi proposto. Este projeto será detalhado no próximo tópico.

3 PROJETO DE AÇÃO

A seguir, introduzimos o projeto, de modo a elucidar algumas questões pertinentes que nortearam o seu desenvolvimento.

3.1 Introdução

As ideias deste projeto de ação surgiram a partir do meu interesse e das minhas indagações a respeito do ensino da capoeira no contexto da Educação Física Escolar. O conteúdo está inserido nas proposições curriculares da prefeitura de Belo Horizonte, dentro do bloco de conhecimentos sobre as lutas. Ao longo dos 12 anos de experiência no ensino da educação física na escola, a capoeira é para mim um tema de muita importância, pelo seu contexto histórico e cultural no Brasil, tornando-se um conteúdo obrigatório na minha prática docente. Observo, entretanto, que esta não é uma preocupação de outros profissionais, que, muitas vezes, não a ensinam, por desconhecimento do assunto ou por achar que outros conteúdos são mais importantes. Há também o fato de que alguns docentes creem que a capoeira deve ser ensinada com ênfase apenas no movimento em si, ou seja, foca-se nos golpes de ataque e defesa e na ginga, limitando a reflexão do estudante para entender o processo de composição social da sociedade brasileira e como a capoeira se configurou dentro desse contexto, tornando-se, para alguns grupos, um estilo de vida, inseparável das outras esferas do cotidiano.

A Capoeira, em sua origem histórica, é uma luta essencialmente brasileira. Significa principalmente uma forma de resistência a uma situação de escravidão imposta em determinado período da história do Brasil. E porque é tão importante vivenciar a Capoeira e outras manifestações afro-brasileiras na escola?

Desde o início da vigência da Lei nº 10.639, em 2003, a temática afro-brasileira se tornou obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio. Todas as escolas públicas e particulares da educação básica devem ensinar aos alunos conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras.

Entretanto, segundo o próprio MEC, a maioria dos alunos ainda não conhece a contribuição histórico-social dos descendentes de africanos ao país. “A lei não foi implementada de maneira a abarcar todos os alunos e professores. O que há são ações pontuais de iniciativa de movimentos negros, do MEC ou de universidades

federais”, informa a coordenadora-geral de diversidade e inclusão social da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), Leonor de Araújo (MACHADO, 2007).

A Lei nº 10.639/2003 acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. O primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileiras. Já o artigo 79-B inclui no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro (BRASIL, 2003).

A capoeira é um tema de trabalho que precisa ser desenvolvido com os estudantes de uma forma significativa e contextualizada, pois, em alguns momentos, há uma resistência de alguns estudantes. Essa resistência, muitas vezes, era demonstrada por meio de bilhetes escritos pelos pais, dizendo que não gostariam que seus filhos aprendessem capoeira, devido a uma proibição da religião à qual os estudantes pertenciam.

Apesar do argumento de ser uma prática da cultura brasileira, o que, por si só, já justificaria o seu ensino e, para além disso, estaria cumprindo a lei federal, para alguns pais, não eram justificativas plausíveis se comparadas ao argumento religioso. Diante dessa situação, comecei a buscar elementos para compreender esta postura dos pais e como isso refletiria na atitude dos filhos e das filhas dentro da escola. Qual era o motivo principal dessa resistência? Qual seria o argumento dessas religiões para proibirem que seus adeptos conhecessem e praticassem a capoeira? Como esta situação influenciava nas aulas de Educação Física? Outros docentes também estariam vivenciando tais situações?

Essas indagações me acompanharam durante alguns anos e, ao iniciar as minhas observações das aulas de Educação Física no Centro Pedagógico, pude, já nos primeiros dias, ver a professora Amanda ensinando maculelê, uma prática dentro da capoeira, realizada com bastões. Nela, os estudantes realizam movimentos ritmados, batendo um bastão no outro, e também há trocas entre os integrantes, que batem os bastões entre si.

Observando a aula, percebi um grande interesse por parte dos estudantes em aprender os movimentos propostos. Após a aula, conversando com a professora, ela me disse que já havia contextualizado a capoeira e o maculelê para os estudantes, para que entendessem o sentido daquela prática.

Fotografia 1 – Aula de maculelê no Centro Pedagógico



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Nessas conversas e observações, as minhas indagações iniciais se fizeram presentes mais uma vez e comecei a repensar, então, sobre o preconceito de alguns estudantes em relação à capoeira, sobre a forma como a capoeira estaria sendo ensinada ou não em outras escolas e sobre quais seriam os maiores desafios para que os professores a ensinassem. Para além disso, o conteúdo capoeira está inserido num tema maior, que é o ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, proposto pelas Leis Federais 10.639/03⁴ e 11.645/08⁵. De que forma, então, as escolas estariam (ou não) implementando estes conteúdos em seu contexto escolar? Se há resistência por parte dos estudantes para o ensino da cultura Africana, quais são as estratégias adotadas pelas escolas e pelos professores de Educação Física?

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

Essas indagações foram as perguntas iniciais para que este projeto de ação começasse a ser pensado. Fizemos inclusive um recorte para que ele fosse realizado somente dentro da escola. Neste sentido, o objetivo geral do projeto foi identificar como os estudantes, os professores e os funcionários da escola Antônio Sales Barbosa compreendiam a história do Brasil, considerando a influência da cultura africana na constituição de nossa identidade. A partir dessa ação, seria promovido o conhecimento desse público (estudantes, professores e funcionários da escola) sobre as diferentes manifestações culturais de origem afro-brasileira e sobre a história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil, dando destaque para a capoeira.

Como objetivos específicos tínhamos:

- Identificar como os estudantes, os professores e os funcionários da escola Antônio Sales Barbosa compreendem a história do Brasil, considerando a influência da cultura africana na constituição de nossa identidade.
- Conversar com os estudantes sobre o resultado da pesquisa – questionário – refletindo sobre as origens dos preconceitos em relação às manifestações afro-brasileiras.
- Vivenciar práticas corporais, referentes aos conteúdos culturais de origem afro-brasileira: capoeira e maculelê.
- Ampliar os conhecimentos sobre a história da escravidão no Brasil, a resistência e a luta dos negros, a origem dos quilombos e da capoeira.
- Desenvolver o espírito de respeito à diversidade cultural, buscando superar os preconceitos, compreendendo que nossos costumes, nossas crenças, nossa língua, nossa culinária, nossas músicas estão permeados de influências diversas, principalmente aquelas de origem africana.
- Conhecer e perceber o próprio corpo, suas peculiaridades, seus limites e suas possibilidades de movimento, buscando superar as barreiras e ampliar as potencialidades.

3.2. Desenvolvimento

O projeto de ação foi desenvolvido nos meses de agosto a dezembro de 2019, sendo realizado em duas fases. A primeira fase foi chamada de fase diagnóstica, na qual um questionário on-line seria aplicado com responsáveis, estudantes,

professores e funcionários da escola Antônio Sales Barbosa, para entender como foi a construção do imaginário desses sujeitos em relação à capoeira e à cultura africana, em geral, e como poderiam contribuir ou não para alimentar o preconceito existente em relação à cultura advinda dos povos africanos. O resultado desse diagnóstico seria levado ao conhecimento dos estudantes para iniciar um trabalho que consistiria em pesquisas sobre os elementos constitutivos da capoeira, a história dessa manifestação no Brasil – desde o significado da prática para os escravos, passando pela importância dos mestres Bimba e Pastinha na divulgação e na expansão da capoeira Angola e Regional – os golpes de defesa e ataque, os instrumentos e a roda de capoeira, culminando no aprendizado do maculelê, para ser apresentado na mostra cultural, em novembro de 2019.

Entretanto, houve uma dificuldade em se realizar o questionário com os responsáveis dos estudantes de forma on-line, pois tínhamos que possuir os e-mails de todas as pessoas para que o formulário pudesse ser enviado. Pensamos, então, em fazer as cópias impressas e entregar no dia da reunião de pais e responsáveis. Porém, a reunião não ocorreu devido a algumas paralisações nas semanas propostas para a realização desse evento. Nesse sentido, os responsáveis iriam à escola de forma aleatória somente para buscar o resultado do estudante, o que inviabilizou a aplicação desse questionário para eles.

Em relação aos discentes, tivemos também dificuldade em aplicar o questionário devido ao fato de a utilização da sala de informática ser permitida para a escola regular somente nos primeiros horários do turno. Nos outros horários, esse espaço é reservado para a Escola Integrada, o que tornou inviável a aplicação do questionário on-line para as 7 turmas nas quais eu lecionava. Outra forma seria aplicar o questionário impresso, porém a tabulação desses dados posteriormente seria complexa, devido ao grande número de formulários gerados.

Já com os professores, conseguimos realizar o questionário on-line, através do grupo de *WhatsApp* da escola. Num total de 19 professores no turno da manhã, 8 professores responderam a ele.

Neste sentido, então, a análise abaixo descrita é o resultado desse diagnóstico realizado com os docentes. Num segundo momento, faço a explanação do projeto de ação especificamente com os estudantes.

O questionário foi composto de 8 perguntas. A primeira pergunta se refere à identidade racial do docente em relação às opções disponíveis, quais sejam, segundo

o IBGE: branco, pardo, preto ou indígena. 37,5% dos respondentes se identificam como brancos; 37,5% se identificam como pardos e 25% como pretos.

A segunda pergunta se refere ao ensino sobre as manifestações culturais de origem afro-brasileira nas aulas de educação física em algum momento da trajetória escolar do docente. 75% dos professores responderam não a essa pergunta e 25% responderam sim. Aos que responderam sim, foi questionado o que, então, havia sido ensinado. As respostas foram: capoeira, danças folclóricas e maculelê.

A pergunta número 4 se refere ao grau de importância que os professores consideram de uma escola ensinar sobre a história do Brasil e da África e proporcionar vivências das diferentes manifestações afro-brasileiras. 100% dos professores acham de extrema importância a compreensão da história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil.

Em relação ao preconceito, perguntei aos docentes se existia preconceito das pessoas em relação às manifestações culturais de origem africana. 100% dos inquiridos acha que sim, que existe muito preconceito. Perguntei, então, qual era o motivo pelo qual eles achavam que o preconceito existia. As respostas foram as mais variadas:

- Resistência das famílias quando o tema é abordado na escola. Inúmeras denúncias e reclamações na Secretaria de Educação quando o tema é trabalhado nas escolas.
- O cristianismo vigente impede outras manifestações religiosas e culturais.
- Falta de conhecimento sobre essas manifestações.
- Tudo que vem da África é do demônio.
- A capoeira mesmo tem algumas canções que falam nomes de deuses e orixás, por isso muitos dizem que a capoeira é da “macumba”.
- Porque o assunto é pouco tratado nas escolas. E, quando é feito, muitas vezes, existem questionamentos de família e desinteresse de um grupo de estudantes em falar sobre o tema.
- Desconhecimento (falta de informação sobre a riqueza da cultura afro-brasileira, que ainda é vista numa perspectiva de menor importância/desvalorizada).
- Falta de trabalhos interdisciplinares no currículo escolar.

- O projeto político pedagógico não contempla essa temática de forma sistematizada, ficando em eventos e temas pontuais durante o ano.
- Existe preconceito físico, cultural e religioso.

As perguntas posteriores são em relação à religião dos docentes, se eles professam alguma fé religiosa. 87% responderam que sim e 12,5% responderam não a essa pergunta. No desdobramento da pergunta, dos que responderam sim, 62,5% se consideram católicos, 12,5% evangélicos, 12,5% espíritas. Não houve resposta positiva para o candomblecista ou para o umbandista.

Concomitantemente a esse processo, dei início a uma roda de conversa com os estudantes para saber deles quais eram os conhecimentos que eles já possuíam a respeito da cultura africana em geral e sobre a capoeira. Muitos conheciam a capoeira, alguns já a tinham praticado e a grande maioria achava que existia preconceito em relação às práticas e aos elementos que envolvem a capoeira.

Após essa primeira conversa, realizei um trabalho em grupo para que os estudantes pudessem pesquisar sobre um elemento da capoeira e explicá-lo para os demais colegas. Nessa dinâmica, os grupos apresentavam a informação oralmente, ilustrando-a através de cartazes ou se utilizando de programas de projeção de imagem, como o *PowerPoint*. As equipes responsáveis pelas práticas da capoeira (golpes de defesa e ataque, instrumentos e a roda) ensinavam-nas os colegas na quadra da escola.

Fotografia 2 – Pesquisas realizadas na biblioteca da escola



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Fotografia 3 – Pesquisas realizadas na biblioteca da escola



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Fotografia 4 – As estudantes se preparam para ensinar os golpes aos colegas



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Fotografia 5 – Momento em que os estudantes tornaram-se os professores



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Fotografia 6 – Os alunos iniciaram a aula explicando a dinâmica e a terminaram com a roda de capoeira



Fonte: Acervo pessoal (2019)

O segundo momento do projeto culminou em uma apresentação de maculelê no dia da mostra cultural, em novembro de 2019. Para despertar o interesse em participar, fiz algumas aulas sobre o maculelê, mostrei os passos, os estudantes experimentaram e muitos já estavam dispostos a participar. A adesão foi espontânea e, para a minha surpresa, muitos estudantes se interessaram. Fizemos, então, um grupo composto de 30 estudantes para os ensaios do maculelê.

Fotografias 7 e 8 – Apresentação Maculelê na Mostra Cultural/EMASB



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Nas semanas posteriores à apresentação, fiz uma nova roda de conversa com os estudantes e percebi que todos aqueles que se envolveram no projeto e tinham uma visão preconceituosa da cultura africana – especificamente da capoeira e do

maculelê – ao final da atividade, conseguiram expressar uma mudança de ponto de vista. Assim, houve a construção de outro entendimento do contexto cultural dessas manifestações.

3.3 Considerações finais

Participar da Especialização em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica do Centro Pedagógico da EBAP/UFMG foi um momento de grande importância para a minha formação profissional. Este projeto de ação reforçou em mim o valor da cultura afro-brasileira e a importância de se ensinar a sua história para os estudantes.

Através deste projeto, conseguimos identificar como os estudantes e os professores do turno da manhã da escola Antônio Sales Barbosa compreendem a história do Brasil, considerando a influência da cultura africana na constituição de nossa identidade. Conversamos com os estudantes, refletindo sobre as origens dos preconceitos em relação às manifestações afro-brasileiras; vivenciamos práticas corporais, referentes aos conteúdos culturais de origem afro-brasileiras: capoeira e maculelê e ampliamos os conhecimentos sobre a história da escravidão no Brasil, a resistência e a luta dos negros e a origem dos quilombos e da capoeira.

Desenvolvemos, com o projeto, o espírito de respeito à diversidade cultural, buscando superar os preconceitos, compreendendo que nossos costumes, nossas crenças, nossa língua, nossa culinária e nossas músicas estão permeadas de influências diversas, principalmente aquelas de origem africana.

Proporcionamos aos estudantes conhecer e perceber o seu próprio corpo, suas diferenças, seus limites e suas possibilidades de movimento, buscando superar barreiras e ampliar as potencialidades. Concluem-se, assim, os nossos objetivos iniciais previstos para este projeto.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação Física no 1º grau**: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo. Supl. 2. Pp.23-28. 1996. Disponível em: <<https://profefgpelf.files.wordpress.com/2012/08/conhecimento-e-especificidade-valter-bracht.pdf>>. Acesso em 04 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe sobre a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm>. Acesso em 05 ago. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos!** Provocações Filosóficas. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREITAS, Amanda Fonseca Soares; SILVEIRA, Guilherme; CAMPOS, Túlio. **Geração Movimento**. Instituto Coca-Cola Brasil e Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro, 2016.

MACHADO, Maria Clara. **Lei obriga ensino de história e cultura afro**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

ANEXO 1 - Questionário para os responsáveis

Prezados pais e/ou responsáveis,

Este questionário faz parte de um projeto de ação realizado pela professora de Educação Física, Mariana Malta e tem como objetivo conhecer o entendimento dos senhores e senhoras sobre a Lei Federal 10.639/2003 sobre o ensino da cultura e história afro-brasileira na escola. A sua identificação não se faz necessária. Desde já, agradeço a contribuição para esta pesquisa e me coloco à disposição para qualquer dúvida.

1. Você se considera (IBGE):

- a) Branco
- b) Pardo
- c) Preto
- d) Indígena
- e) Outro: _____

2. Em algum momento da sua trajetória escolar, foi ensinado algo sobre as manifestações culturais de origem afro-brasileira nas aulas de Educação Física?

- a) Sim
- b) Não

3. Se você respondeu sim à pergunta anterior, escreva o que foi ensinado.

4. Você acha importante a escola ensinar sobre a história do Brasil e da África e proporcionar vivências das diferentes manifestações afro-brasileiras, buscando compreender sobre a história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil?

- a) Sim, acho de extrema importância.
- b) Sim, acho importante.
- c) Não acho importante, porém não vejo problema.
- d) Acho que não deveria ser ensinado.

5. Você acha que existe preconceito das pessoas em relação às manifestações culturais de origem africana?

- a) Sim, acho que existe muito preconceito.
- b) Sim, mas acho que é pouco preconceito.
- c) Não, acho que as pessoas exageram.
- d) Não, acho que o preconceito não existe.

6. Se você respondeu sim à pergunta anterior, escreva o motivo pelo qual você acha que o preconceito existe.

7. Você professa alguma religião?

- a) Sim
- b) Não

8. Se você respondeu sim à pergunta anterior, marque qual a sua religião.
- a) Católico
 - b) Evangélico
 - c) Espírita
 - d) Candomblecista
 - e) Umbandista
 - f) Outra: _____

ANEXO 2 - Questionário para os estudantes

Prezados estudantes,

Este questionário faz parte de um projeto de ação realizado pela professora de Educação Física, Mariana Malta, e tem como objetivo conhecer o entendimento de vocês sobre a Lei Federal 10.639/2003, que torna o ensino da cultura e história afro-brasileira obrigatório na escola. A sua identificação não se faz necessária. Desde já agradeço, a contribuição para esta pesquisa e me coloco à disposição para qualquer dúvida.

Ano: _____ Turma: _____

1. Você se considera (IBGE):
 - a) Branco
 - b) Pardo
 - c) Negro
 - d) Indígena
 - e) Outro: _____

2. Você já aprendeu sobre a história do Brasil e da África, sobre as manifestações culturais afro-brasileiras, buscando compreender sobre a história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil?
 - a) Sim
 - b) Não

3. Você já aprendeu sobre a capoeira alguma vez durante a sua vida escolar?
 - a) Sim
 - b) Não

4. Se você respondeu sim à pergunta anterior, marque o que você aprendeu sobre a capoeira.

- a) Aprendi a gingar e experimentei os movimentos de ataque e defesa.
- b) Aprendi somente sobre a história da capoeira, mas não vivenciei os movimentos.
- c) Aprendi sobre a história da capoeira, experimentei os movimentos da ginga, de ataque e de defesa e também vivenciei os instrumentos tradicionais da capoeira, a música e a roda.
- d) Outras aprendizagens:

5. Você acha importante aprender sobre a capoeira e outras manifestações da cultura afro-brasileira na escola?

- a) Sim, acho de extrema importância.
- b) Sim, acho importante.
- c) Não acho importante, porém não vejo problema.
- d) Acho que não deveria ser ensinado.

6. Você acha que existe preconceito das pessoas em relação às manifestações culturais de origem africana serem ensinadas e vivenciadas na escola, tais como: a capoeira, o maculelê, jogos e brincadeiras de origem africana?

- a) Sim, acho que existe muito preconceito.
- b) Sim, mas acho que é pouco preconceito.
- c) Não, acho que as pessoas exageram.
- d) Não, acho que o preconceito não existe.

7. Se você respondeu sim à pergunta anterior, escreva o motivo pelo qual você acha que o preconceito existe.

8. Você professa alguma religião?

- a) Sim
- b) Não

9. Se você respondeu sim à pergunta anterior, marque qual a sua religião.

- a) Católico
- b) Evangélico
- c) Espírita
- d) Candomblecista
- e) Umbandista
- f) Outra: _____

ANEXO 3 – Questionário para os professores e funcionários

Prezados professores, professoras e funcionários,

Este questionário faz parte de um projeto de ação realizado pela professora de Educação Física, Mariana Malta e tem como objetivo conhecer o entendimento dos senhores e senhoras sobre a Lei Federal 10.639/2003 sobre o ensino da cultura e história afro-brasileira na escola. A sua identificação não se faz necessária. Desde já, agradeço a contribuição para esta pesquisa e me coloco à disposição para qualquer dúvida.

1. Você se considera (IBGE):

a) Branco

b) Pardo

c) Negro

d) Indígena

e) Outros: _____

2. Você aprendeu sobre as manifestações culturais de origem afro-brasileira na escola?

a) Meus professores me ensinaram a importância de se conhecer a história do Brasil e as diferentes manifestações afro-brasileiras.

b) A escola em que estudei não me ensinou sobre a história do Brasil e as diferentes manifestações afro-brasileiras.

3. Você acha importante a escola ensinar sobre a história do Brasil e da África e proporcionar vivências das diferentes manifestações afro-brasileiras, buscando compreender sobre a história de resistência e luta dos negros escravizados no Brasil?

a) Sim, acho de extrema importância.

b) Sim, acho importante.

c) Não acho importante, porém não vejo problema.

d) Acho que não deveria ser ensinado.

4. Você acha que existe preconceito das pessoas em relação às manifestações culturais de origem africana serem ensinadas e vivenciadas na escola, tais como: a capoeira, o maculelê, jogos e brincadeiras de origem africana?

- a) Sim, acho que existe muito preconceito.
- b) Sim, mas acho que é pouco preconceito.
- c) Não, acho que as pessoas exageram.
- d) Não, acho que o preconceito não existe.

5. Se você respondeu sim à pergunta anterior, escreva o motivo pelo qual você acha que o preconceito existe.

6. Você professa alguma religião?

- a) Sim
- b) Não

7. Se você respondeu sim à pergunta anterior, marque qual a sua religião.

- a) Católico
- b) Evangélico
- c) Espírita
- d) Candomblecista
- e) Umbandista
- f) Outra: _____